

As crônicas femininas de Clarice Lispector

Willian Rolão Borges da Silva*
Edgar César Nolasco dos Santos**

Resumo: Nossa pesquisa tem como objetivo fazer uma análise da produção jornalística da escritora Clarice Lispector que manteve colunas femininas em alguns jornais, estas não eram assinadas por ela, pois Lispector fez uso de pseudônimos. Entre os assuntos das colunas estavam dicas de beleza, moda, comportamento e receitas caseiras. Tais textos mostram uma Clarice que escreve para um grande público, a maioria dona-de-casa, e revela sua maleabilidade em estilos textuais. Com a análise desses textos, podemos traçar um perfil temático para cada pseudônimo e conhecer a imagem de mulher que Lispector construiu. Para isso utilizamos como base teórica a crítica biográfica.

Palavras-chave: Crônicas femininas; Momento biográfico; Crítica biográfica.

Abstract: Our research has the objective to make an analysis of the journalistic production of the writer Clarice Lispector, that maintained female columns in some newspapers, these ones were not assigned by her, because Lispector used pseudonyms. Between the subjects in the columns there were tips for beauty, fashion, behavior and home recipes. Such texts

* Acadêmico do Curso de Letras - Inglês da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. O presente artigo é fruto da pesquisa que o autor desenvolve como bolsista PIBIC-CNPq de Iniciação Científica, a pesquisa intitula-se Máscaras: nas crônicas femininas de Clarice Lispector.

** Professor da graduação em Letras e da pós-graduação em Estudos de Linguagens da UFMS.

show one Clarice that writes for a big public, the majority housewives, and reviews her malleability in textual styles. With the analysis of these texts, we can trace a thematic profile for each pseudonym and meet the image of the woman that Clarice built. For this we used as theoretical basis the biographic criticism.

Keywords: Female chronicles; Biographical moment; Biographic review.

Temas e influência

No semanário *Comício*, no qual Clarice Lispector fez sua estreia como colunista, cuja coluna intitulava-se “Entre mulheres”, seu pseudônimo foi Tereza Quadros. Entre as 17 colunas publicadas destacamos a crônica “A irmã de Shakespeare” publicada em 22 de maio de 1952, pois apesar de ser uma de suas primeiras publicações já tem um caráter reflexivo, no sentido de levar suas leitoras a refletirem sobre a diferença entre os homens e as mulheres no que tange suas oportunidades e papéis sociais. Além disso, o texto “A irmã de Shakespeare” é um comentário de Lispector sobre um trecho do livro *Um teto todo seu*, de Virgínia Woolf. Assim sendo, da mesma forma que Woolf comenta sobre o lugar da mulher do século de Shakespeare, o texto de Tereza Quadros faz as mulheres de sua época pensar e refletir sobre o seu próprio contexto. A partir deste texto podemos observar outra característica das colunas de Clarice, ela apresenta às suas leitoras escritores e filósofos, algumas vezes faz isso mais indiretamente colocando certo trecho entre aspas, no caso deste texto o faz diretamente citando a autora nominalmente. Assim Lispector apresenta Woolf e o seu objetivo ao criar Judith:

Uma escritora inglesa – Virgínia Woolf – querendo provar que mulher nenhuma, na época de Shakespeare, poderia ter escrito as peças de Shakespeare, inventou, para este último, uma irmã que se chamaria Judith. Judith teria o mesmo gênio de seu irmãozinho William, a mesma vocação. Na

verdade, seria um outro Shakespeare, só que, por gentil fatalidade da natureza, usaria saias. (LISPECTOR, 2006, p. 125)

De acordo com Gotlib, em 3 de setembro de 1952 Clarice muda-se com o marido para os Estados Unidos, tem seus filhos e permanece lá até junho de 1959, ano em que volta a morar no Brasil. Quando retorna ao Brasil já separada precisava angariar meios para sobreviver, recorre mais uma vez às páginas femininas. Dessa vez assumiu uma coluna no jornal *Correio da Manhã* a qual chamava-se “Feira de Utilidades”, sua temática girava em torno de conselhos sobre comportamento e, sobretudo, dicas de beleza, isto ocorre, pois Lispector tinha um contrato com a empresa Pond’s, esta foi a responsável por criar Helen Palmer, o pseudônimo utilizado por Lispector para as publicações. A empresa de cosméticos desejava, por meio da coluna, fazer propaganda de seus produtos de beleza, contudo a propaganda desejada deveria ser feita de forma velada, destacar apenas as qualidades dos produtos sem citar seus nomes, a ligação entre os produtos e suas qualidades deveria ser feita pelas leitoras. A conexão ocorria facilmente, pois as campanhas publicitárias da Pond’s eram publicadas nas páginas do *Correio da Manhã*. Deste período destacamos “Discrição”, publicado em 4 de maio de 1960, texto que aconselha as leitoras a serem discretas, pois assim se faz uma mulher elegante. Helen Palmer aponta dois motivos pelos quais a mulher não deve chamar a atenção, o primeiro refere-se que tentar ser o foco dos olhares dos homens traz má fama as mulheres o outro motivo é assim explicado por ela:

Os homens, geralmente muito discretos, detestam as mulheres que se destacam demais, onde quer que apareçam. Não apenas pela sua própria maneira de ser, mas também por uma questão de vaidade masculina, já que não lhes é agradável ficar ofuscados ou relegados a um plano inferior. (LISPECTOR, 2006, p. 17)

Estes são os motivos pelos quais as mulheres deveriam ser discretas e não chamar muito a atenção, Helen finaliza o texto revelando um possível benefício alcançado pelas mulheres discretas, “Seja discreta, e veja como os que a cercam tomarão a iniciativa de colocá-la em lugar de destaque, desde que você possua qualidades para isso.” (LISPECTOR, 2006, p. 17)

Por fim a terceira fase colunista de Lispector ocorreu no jornal *Diário da Noite*, este foi o período mais peculiar, pois desta vez trabalhou como *ghost writer* da modelo e atriz Ilka Soares. O enfoque da coluna recaía sobre o tema beleza e moda, já que Ilka era um exemplo de mulher bonita e elegante da época. Assim o jornal utilizou desta fama e, evidentemente, do nome da modelo para conquistar leitoras para a coluna. Notamos que neste período Lispector tem um contato mais direto com suas leitoras, pois estas escrevem para a coluna pedindo conselhos, sobretudo no que diz respeito aos problemas no casamento. Lispector responde a algumas perguntas, no livro *Só para mulheres* temos o texto “Resposta às leitoras”, o texto não possui título originalmente, pois foi publicado na seção “Nossa Conversa”. Ele está presente na edição de 18 de julho de 1960 e refere-se a um conselho da colunista a duas leitoras que reclamaram de seus maridos, o texto inicia-se da seguinte forma: “Você me escreve dizendo que não gosta mais dele. É verdade? Não se precipite em julgamento. Há períodos, mesmo na vida conjugal mais harmoniosa, em que não é o amor o que predomina. Seja paciente.” (LISPECTOR, 2008, p. 61) Lispector sempre aconselha que a mulher seja paciente e reflita um pouco mais sobre a situação, a leitora sempre deve verificar se a sua reclamação tem fundamento.

Lispector não implantou nenhuma revolução temática durante o tempo em que foi colunista, por vezes fugia do padrão jornalístico do gênero. Além disso, podemos notar um teor aconselhador em suas colunas, pois alertava as mulheres a não serem escravas dos homens

nem totalmente submissas a eles. Elas deveriam se manter informados e buscar conhecimento, serem independentes. As colunas de Helen Palmer e de Ilka Soares, principalmente, influenciavam suas leitoras, pois a presença de dicas de moda e beleza era frequente, é justamente por causa dessas dicas que a coluna era lida. Contudo misturado a este tipo de texto existiam outros que tentavam provocar nas leitoras uma mudança de postura no que diz respeito ao papel social delas. Desta forma, Clarice foi levando suas leitoras à reflexão.

A partir da década de 1950 as páginas femininas dos jornais começaram a enfrentar a concorrências das revistas femininas, Buitoni diferencia as produções jornalísticas das produções das revistas, citando como exemplo de revista a *Manchete* que era uma “revista ilustrada de caráter mais moderno, que incorporava inovações gráficas, inclusive com mais páginas coloridas”. (BUITONI, 2009, p. 99) Deste modo, os jornais vão gradativamente perdendo seu espaço e principalmente suas leitoras para as revistas femininas, contudo podemos dizer, baseando nos em Buitoni, que as temáticas abordadas eram as mesmas. Havia muito interesse nesse grande público que estava surgindo, pois a mulher agora se transformou em ser consumista e as revistas e jornais estavam interessados em conquistar esta parcela do mercado. Estas publicações começaram a influenciar a vida das mulheres, para Guerra

A revista feminina, por exemplo, constitui uma instância discursiva que exerce forte influência na vida da mulher. Ao mesmo tempo em que estas revistas retratam o papel que a mulher desempenha na sociedade, elas ajudam a moldar esse papel, transmitindo ideologias e contribuindo para a manutenção de certas relações hegemônicas. (GUERRA, 2008, p. 97)

As páginas femininas de Lispector e as revistas femininas daquela época influenciavam em muito o agir feminino, não só em

relação ao fazer da dona de casa, da mãe, da esposa, como também na construção desta figura de mulher. Reforçamos nosso argumento com outra contribuição de Guerra que diz: “Ao representar a figura feminina, a imprensa concomitantemente constrói, projeta e estabiliza identidades sociais, em processos definidos histórica e culturalmente.” (GUERRA, 2008, p. 99).

Deste modo, entendemos que as mulheres construídas pelas diferentes colunas de Lispector não são as mesmas, em cada coluna é construído um modelo de mulher. Então, percebemos que a mulher de Tereza Quadros é mais ousada e questiona mais enfaticamente o lugar ocupado por elas na sociedade. A de Helen Palmer, evidentemente, se interessa por beleza e pelos assuntos domésticos. Por fim, a mulher de Ilka Soares é mais ligada a moda e interessada em como seduzir um homem, este interesse se comprova ao atentarmos para o fato de que a coluna feminina de o *Diário da Noite* teve uma seção que ensinava suas leitoras como seduzir um homem. Quando informamos os eixos temáticos de cada pseudônimo não desejamos afirmar que foram apenas sobre estes temas que os pseudônimos escreveram e nem que um pseudônimo não escreveu sobre o tema do outro. Desejamos destacar os temas mais abordados de cada coluna e a partir disso levantar a imagem de mulher criada e vinculada por cada coluna.

Momento biográfico

“Tudo é biografia, digo eu. Tudo é autobiografia, digo com mais razão ainda, eu que a procuro (a autobiografia? A razão?). Em tudo ela se introduz (qual?), como uma delgadíssima lâmina metida na fenda da porta e que faz saltar o trinco, devassando a casa.”

SARAMAGO, 1992, p. 169

Além de analisarmos as colunas destacando suas temáticas, também analisamos por meio da Crítica Biográfica. Já que segundo Gotlib a escrita de Clarice Lispector tem um caráter biográfico, para ela a contista “Embora afirme que quer escapar das memórias, não escapa. E escreve textos biográficos justamente quando afirma que não quer desempenhar esse papel.” (GOTLIB, 2009, p. 119) A própria Clarice afirma: “eu não quero contar minha vida para ninguém [...] não pretendo jamais publicar uma biografia.” (LISPECTOR apud GOTLIB, 2009, p. 119) Reafirmando o que a biógrafa afirma, Lispector apesar de declarar não querer revelar-se termina por contar a própria vida em seus contos e romances. Para Nolasco “podemos dizer que Clarice escreve nesse limiar entre a vida e a ficção, ou seja, tanto uma quanto a outra contribuem de formas diferentes mas complementares com seu projeto literário.” (NOLASCO, 2004, p. 61-62)

As colunas escritas por Lispector não são diferentes de seus contos e romances, no sentido de serem biográficos. Contudo como o trabalho de colunista de Lispector a obrigava a escrever sobre temas supérfluos, não podemos considerar toda a coluna como um texto biográfico, por isso resolvemos trabalhar com o conceito “momento biográfico”. Este conceito foi desenvolvido por Leonor Arfuch em seu livro *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. No livro ela discute sobre o gênero entrevista, afirmando que nele temos um espaço biográfico em que o entrevistado sempre revela um pouco de sua vida, o instante em que isto ocorre é definido pela estudiosa como “momento biográfico”.

Para Arfuch o meio midiático é muito produtivo ao que se refere à aparição de momentos biográficos, pois sua pesquisa está voltada para a análise de entrevistas. Podemos calmamente transpor esta afirmação dela para o trabalho de Lispector como colunista, pois um dos objetivos e uma das características presentes nas colunas femininas daquela época era justamente criar uma proximidade

entre a colunista e suas leitoras. Esta necessidade de se produzir proximidade por meio da coluna está mais acentuada no trabalho de Lispector sob o pseudônimo de Helen Palmer e, sobretudo no período em que foi *ghost writer* de Ilka Soares. Este fato ocorre por causa do contrato firmado com a Pond's, já que colunista deveria ser uma amiga a quem a leitora pudesse pedir conselhos, ela deveria estar sempre pronta a ajudar principalmente quando o assunto era dicas de beleza. Já no período que foi Ilka Soares Lispector deveria trabalhar com uma proximidade e intimidade com a leitora, pois a modelo e atriz Ilka Soares já tinha um contato bem próximo com suas fãs e é até por isso que foi escolhida para assinar a coluna de *Diário da Noite*. Lispector deveria manter esta ligação entre Ilka Soares e suas fãs e assim garantir a venda dos jornais.

As características citadas acima da coluna feminina de *Diário da Noite* não são as principais particularidades deste período. O fato de pela primeira vez a colunista das páginas femininas de Lispector ter um rosto é o que torna o trabalho como Ilka Soares o diferencial deste período, já que uma foto da modelo está sempre presente no cabeçalho da coluna. Mas não é apenas a foto que diferencia esta coluna, pois o fato de Ilka Soares ser uma modelo e atriz de sucesso da época, uma artista em quem as mulheres se espelhavam, já que era considerada um modelo de elegância e beleza, torna esta produção singular. Arfuch relatando sobre o interesse pelo biográfico comenta sobre esta identificação com as pessoas famosas, com as celebridades. Arfuch revela que há um autorreconhecimento das pessoas comuns pela vida das pessoas célebres, o que pode ocasionar em uma necessidade de se sentir próxima das figuras admiradas. De acordo com as palavras de Arfuch:

A curiosidade literária, a midiática e a científica e, ainda, esses dois pólos arquetípicos da experiência – as vidas 'célebres', que são por isso emblemáticas e se tornam objeto de identificação, e as 'comuns', que oferecem uma imediata possibilidade de autorreconhecimento – confluíam dessa

forma em nosso espaço, habilitando um olhar excêntrico sobre as novas maneiras como o biográfico se integra no horizonte da atualidade. (ARFUCH, 2010, p. 24)

Essa admiração das donas de casa por Ilka Soares já é fato antes do início da coluna, restando à Lispector dar continuidade a ela e transformar esta admiração em “amizade”, assim, a coluna adquiriria leitoras fiéis, o que era do interesse dos diretores do jornal que desejavam um público que comprasse continuamente o jornal.

Um exemplo claro de momento biográfico é publicado em 5 de setembro de 1952 e tem por título “Baú de mascate”. Neste texto Lispector explica às leitoras qual é o trabalho de um mascate e relembra o que é um baú de mascate “pequena loja ambulante, que tanto serviu as nossas avós, isoladas no mundo das casas-grandes de fazenda como nas casas de sapé, à beira da estrada.” (LISPECTOR, 2006, p. 120) A colunista comenta com sua leitora que não existem mais mascates nas grandes cidades onde pode se encontrar de tudo em grandes lojas, contudo, para ela, essa figura ainda está presente no interior do Brasil, nos grandes sertões, por fim ela apresenta o papel social do mascate nestes lugares, “o mascate é também pioneiro, desbravador de mato, que leva, dentro do seu baú, princípios de civilização, rudimentos de higiene a lugares onde dificilmente poderiam chegar por outro meio.” (LISPECTOR, 2006, p. 120) Lispector apresenta-se na crônica uma conhecedora sobre mascates, o que são, sua função e até que tipos de sentimentos eles provocavam nos vilarejos por quais passavam,

ele carrega também um pouco de alegria entre as suas bugangas, alegria ingênua para sua numerosa freguesia feminina. Quando o mascate chega é um alvoroço na redondeza. Alguém ouviu o pec-pec do instrumento com que ele se anuncia, a notícia corre de boca em boca, o mulhêrio acode e faz o cerco ao baú. Baú milagroso que tem de tudo um pouco. (LISPECTOR, 2006, p. 120-121)

Esta crônica é diferente das demais, pois é um texto longo se compararmos aos outros textos que circulavam na coluna de Lispector. Ao final da crônica entendemos porque a crônica é extensa. Lispector defendia naquele momento a seção criada, há algum tempo, chamada “Baú de mascate”. Então ela justificava a presença da seção tanto às leitoras quanto à direção do semanário *Comício*. Podemos compreender isso lendo a seguinte passagem: “Cremos, leitoras amigas, estar explicada a razão, a existência e – se Deus quiser e os diretores de O *Comício* também – a permanência do ‘Baú de mascate’ na nossa despreziosa seção.” (LISPECTOR, 2006, p. 121) Em *Só para mulheres* e *Correio feminino* temos dois textos-crônica nomeados de “Baú de mascate”, temos este comentado por nós de 5 de setembro de 1952 e outro anterior de 29 de agosto do mesmo ano. O de agosto é bem menor e tem como tema receitas, duas na verdade uma para machucados e torções e outra que ensina como preparar uma boa brilhantina para os cabelos, além das receitas temos uma dica de beleza que toma apenas uma linha do texto.

Apesar de a seção ter certa importância para a colunista, segundo Nunes ela não chegou a se consolidar. Agora que já comentamos os textos e suas características, vamos retomar o conceito de momento biográfico e tentar mostrar porque na crônica de setembro podemos encontrar um momento biográfico, além disso, acreditamos que toda a seção “Baú de mascate” também pode ser olhada deste modo. Nunes ao comentar sobre a seção nos informa como Lispector tem tanto conhecimento sobre a vida de um mascate, assim ela comenta

Em prosa leve e interessante, a narradora comenta as características e funções desse baú. Trata do trabalho desse profissional e de sua ‘loja ambulante’. Na verdade, Clarice escreve com a autoridade de quem conhece muito bem o trabalho desse comerciante, pois seu pai, Pedro Lispector, chegou a trabalhar como mascate vendendo tecidos para roupas. (NUNES, 2006, p. 162)

Desta forma, podemos entender que os textos são uma forma de lembrar-se do seu pai e de sua infância, ainda no nordeste. Já que ao chegarem ao Brasil um dos diversos trabalhos de seu pai foi como mascate. Após a chegada, segundo Gotlib, seu tio José Rabin “há de oferecer emprego a Pedro, emprego de mascate, financiando-lhe a mercadoria para vender de porta em porta, a prestação.” (GOTLIB, 2009, p. 51) Temos assim uma aproximação entre o que Lispector escreve em sua coluna com a realidade vivida por ela. Além disso, a presença deste momento biográfico aproxima suas colunas com o seu trabalho de ficcionista, pois, segundo Nolasco, na escrita de Lispector sempre existe “um desejo irreprimível de retorno à origem, uma saudade de casa, uma nostalgia do retorno ao lugar mais arcaico do começo absoluto.” (NOLASCO, 2004, p. 170-171)

Comentando sobre a relação personagem e autor Arfuch faz um comentário que acreditamos pode ser relacionado com a produção de Lispector enquanto colunista. Para ela essa intromissão, que já comentamos, da biografia

Não se tratará então de adequação, da ‘reprodução’ de um passado, da captação ‘fiel’ de acontecimentos e vivências, nem das transformações ‘na vida’ sofridas pelo personagem em questão, mesmo quando ambos – autor e personagem – compartilharem o mesmo contexto. Tratar-se-á, simplesmente, de literatura: essa volta de si, esse estranhamento do autobiógrafo, não difere em grande medida da posição do narrador diante de qualquer matéria artística”. (ARFUCH, 2010, p. 55)

Arfuch alerta, deste modo, para não se confundir a vida do autor com sua obra, pois “mesmo que todos os detalhes sejam exatos, o relato é sempre reinvenção do vivido”, já que “não se lê uma vida, lê-se um texto”. (SOUZA, 2010, p. 55)

Por fim, na medida em que as colunas femininas produzem um ambiente aconselhador e buscam com que suas leitoras vejam as colunistas como amigas, “quase se poderia dizer que a aparição do momento biográfico é pouco menos do que inevitável, assim que se começa um intercâmbio pautado pelos tempos e modos da conversa”. (ARFUCH, 2010, p. 170) Não só o hábito de Lispector revelar sua vida ao produzir sua literatura, contribui para que enquanto colunista ocorra a mesma coisa, ou seja, o aparecimento de momentos biográficos, como também o próprio modo de comunicação entre colunista e leitor propicia os aparecimentos destes momentos. Ao ter que simular uma conversa com sua leitora Clarice acaba assumindo o papel de amiga das leitoras, assim conversa vai conversa vem, termina por mostrar um pouco de sua vida à suas amigas.

Pseudônimos no cenário discursivo

Nesta parte, daremos maior ênfase aos textos de Helen Palmer e de Ilka Soares, já que, como Tereza Quadros, Clarice publicou apenas 17 colunas. Além disso, ambas possuíam algumas particularidades: Helen Palmer foi criada pela empresa de cosméticos Pound’s. Por isso, Helen Palmer escrevia textos que induziam suas leitoras a comprar produtos de beleza. Temos, por exemplo, o texto “Ser feia...” publicado em 23 de outubro de 1959, no que se lê:

Não existem mulheres feias. Não é uma afirmação leviana, digo-o baseada na experiência, que adquiri sobre a arte de embelezar a mulher e atrair a atenção masculina. Com a variedade de cosméticos e artificialismo que os laboratórios atualmente criam para melhorar o que a natureza deu à mulher, só é feia quem quer. (LISPECTOR, 2006, p. 105)

Podemos observar o posicionamento de Clarice no que diz respeito ao seu olhar sobre estas mulheres que não estavam dentro do padrão de beleza da época. Notamos o caráter aconselhador do

texto, motivado evidentemente pelo contrato com a Pound's. Além disso, no texto a autora demonstra que toda mulher tem seu valor, que pode e deve buscar meios de se valorizar, de ficar mais bonita. Deste modo, ela atinge seu público alvo, formado por donas de casa, as quais acreditavam que podiam ficar parecidas com as mulheres consideradas ícones de beleza e elegância da época. Sobre esta aproximação entre a dona de casa e as atrizes de cinema, deteremo-nos quando enfocarmos a coluna de Ilka Soares.

Helen Palmer não só encoraja as mulheres a fazer usos de cosméticos como também as encoraja a serem instruídas. Sobretudo para que, quando falassem fosse de maneira coerente e humana. Contudo as mulheres não precisam de um diploma, mas sim ter conhecimentos que vão além de seu tricô, como frisa no texto-crônica "Uma mulher esclarecida", de 21 de agosto de 1959. Com as receitas de beleza, os conselhos de comportamento Helen Palmer cria uma intimidade com sua leitora. Torna-se uma conselheira das donas de casa que sempre recorrem a sua coluna para melhorar seu modo de vida, no que diz respeito aos seus afazeres do lar, a educação dos filhos e ao relacionamento com o marido. Além disso, a coluna às vezes se torna um lugar de discussão sobre o que é ser mulher, como mostra o final do texto-crônica antes transcrito, "você, minha leitora, não limite o seu interesse apenas à arte de embelezar-se, de ser elegante, de atrair os olhares masculinos. A futilidade é fraqueza superada pela mulher esclarecida. E você é uma 'mulher esclarecida', não é mesmo?". (LISPECTOR, 2006, p. 18)

Com a provocação a colunista força suas leitoras a pensar se elas se enquadram dentro daquele perfil definido pela escritora como mulher esclarecida. Acreditamos que automaticamente, se o entendimento da leitora for o de não enquadramento, esta então procurará meios de se enquadrar naquele perfil defendido e exaltado por sua conselheira. Aos poucos Lispector vai moldando suas leitoras, feito

conseguido a partir dessa intimidade construída. Segundo Nolasco “Clarice Lispector cria uma intimidade com o leitor de modo a enlançá-lo melhor, (...) [ela] parece aproveitar da cumplicidade com o leitor, e estaria a serviço de deslocá-lo de um repouso” (NOLASCO, 2004, p. 125). Gotlib também faz uma contribuição sobre o modo de escrever de Clarice em suas páginas femininas:

usando de recursos aparentemente banais e inconseqüentes, mediante um tom de leve comicidade, tenta atrair e fisgar as pobres mulheres, leitoras que despreocupadamente passam os olhos pela leve página feminina. (GOTLIB, 1995, p. 491)

Gotlib compara as colunas de Clarice com um caldeirão de feitiçaria, pois nele podemos encontrar textos superficiais, receitas de cozinha e dicas de beleza, e outros textos mais “perigosos”, sendo estes os que tentam influenciar e fazer com que elas reflitam sobre seus papéis na sociedade. Assim, as donas de casa que só queriam algumas dicas domésticas são “fisgadas” por estes outros textos-crônica. Dulcília Schoeder Buitoni, em seu livro *Mulher de papel*, revela os perigos dessa escrita “amiga” utilizada pelas colunistas de páginas femininas. Pelo fato de ser uma leitura simples e leve as mulheres acabam sendo ludibriadas, já que

Esse jeito coloquial, que elimina a distância, que faz as ideias parecerem simples, cotidianas, frutos do bom senso, ajuda a passar conceitos, cristalizar opiniões, tudo de um modo tão natural que praticamente não há defesa. A razão não se arma para uma conversa de amiga. (BUITONI, 2009, p. 191)

Clarice Lispector foi *ghost writer* de Ilka Soares para o jornal *Diário da Noite*. Neste período ela fazia toda a diagramação de sua coluna, levava sua coluna pronta para a publicação. Nela encontramos a presença de recortes de figuras que exemplificavam seus textos, além de figuras de pratos das receitas ensinadas, de manequins que ilustravam as dicas de como se vestir. Sobre isso, Nunes afirma que

Dessa vez, Clarice Lispector não precisaria recorrer aos tais pseudônimos. Mas teria de se adaptar ao espírito popular do tablóide e ao universo das passarelas de Ilka Soares, considerada então um símbolo de feminilidade, de fama e beleza, como modelo profissional e como atriz. (NUNES, 2006, p. 247-248)

Se, anteriormente, as leitoras de Clarice tinham que se enquadrar no perfil de mulher que ela propunha, desta vez era Clarice que deveria adequar-se à imagem de Ilka Soares. A ficcionista deveria se adaptar ao novo estilo de coluna, ao estilo do *Diário da Noite* que desejava uma coluna que abordasse em seus textos-crônicas o universo da moda e da beleza. A escolha de Ilka Soares pelo jornal foi motivada pela fama já construída da modelo, o jornal desejava ter como público as mulheres que admiravam a modelo, tanto que para Nunes as leitoras do jornal conhecem “quem assina a coluna. E é provavelmente atraída para a leitura por identificar-se com a colunista.” (NUNES, 2006, p. 250). O jornal tira proveito dessa admiração, e por isso, precisava que a coluna mantivesse uma proximidade com a leitora, que a coluna propiciasse a aproximação do mundo da modelo com o mundo da leitora. Para isso as páginas femininas deveriam ter dicas de beleza e conselhos de comportamento de modo a possibilitar que a leitora aprendesse a ser elegante e mais bonita, contribuindo para que a mulher se tornasse mais feminina.

Para Nunes, o único motivo de ser da coluna do *Diário da Noite* são suas leitoras. Nessa direção afirma a estudiosa:

A proximidade é requisito fundamental para os propósitos da coluna. Aliás, a leitora é a única razão de ser da criação da página. A fala de Ilka Soares é voltada para a leitora, por isso não economiza o uso do ‘você’. Um contato íntimo que permite a Ilka Soares chamar sua leitora pelo carinhoso ‘minha amiga’ no final de suas considerações. (NUNES, 2006, p. 253).

Aqui, mais do que com os outros pseudônimos, se faz necessário o cuidado com a linguagem, pois Ilka Soares já se comunicava com suas fãs por meio de entrevistas. Logo a linguagem utilizada por Lispector deveria ser acessível às leitoras e deveria ser empregada de modo que a leitora se sentisse conectada à colunista. Nunes descreve como era a linguagem usada na coluna

A linguagem é também aquela da confiança e da intimidade. Afinal, a coluna é 'só para mulheres', uma espécie de clube fechado. Clarice usa a primeira pessoa do singular, simulando ser a voz de Ilka Soares, para transmitir um conselho ou falar do mundo das passarelas. (NUNES, 2006, p. 252)

No clube de Ilka, assim como no de Helen, todas as mulheres têm espaço, nele elas encontram a oportunidade de serem valorizadas. Em *Diário da Noite* temos um texto que se aproxima do "Ser feia...", presente no *Correio da Manhã*, intitulado de "Sou tímida", publicado em 18 de outubro de 1960. Tal texto é direcionado para aquele tipo de mulher que não chama a atenção do homem logo de imediato, mas que para Clarice esta mulher tem, sim, chance de brilhar desde que saiba aproveitar seus bons atributos. Este é um tipo de consolo que a colunista oferece à sua leitora. Um exemplo disso encontra-se neste trecho "Você é tímida e quer saber se pode ser gostada, mesmo com sua timidez. Claro que sim." (LISPECTOR, 2008, p. 19). Vê-se, com isso, que a coluna de Ilka é direcionada a todas as mulheres, suas dicas e conselhos podem ser colocados em prática por todas.

A presença da imagem de Ilka Soares no meio midiático mantém sempre presente a coluna para seu público, pois onde Ilka estiver lá estará a colunista do *Diário da Noite*. Assim não só o que Clarice escreve compõe a coluna, mas toda a movimentação de Ilka diante da mídia e suas entrevistas contribuem para a formação das páginas femininas. No artigo "Com a palavra, o autor", a professora Ana

Cláudia Viegas defende que a imagem que o autor constrói para si colabora com o que ele escreve. Então toda sua postura nos meios de comunicação é relevante ao seu fazer literário, no caso de Ilka a sua imagem é relevante para a coluna. Confirmando o que defendemos, vejamos o que diz Viegas:

No contexto da cultura midiática, entretanto, as performances do escritor não se limitam ao ato de escrever, de modo que, ao lermos um texto, não temos apenas o nome do autor como referência, mas sua voz, seu corpo, sua imagem veiculada nos jornais na televisão, na internet. (VIEGAS, 2010, p. 11)

A partir disso, compreendemos que o período em que Clarice foi Ilka Soares se diferencia extremamente dos demais, pois Lispector é o texto, a coluna presente no jornal e a modelo é o corpo, a imagem que circula diante de suas leitoras. Nesse sentido, torna-se primordial a consonância do texto com o a imagem, fazendo do trabalho de Clarice como colunista do *Diário da Noite* mais singular que nas demais páginas femininas que escreveu. Por fim, podemos concluir que estas páginas de Lispector eram leves e por vezes “perigosas”, mas sempre visavam criar na leitora a impressão de que estava conversando com uma “amiga”, com quem a leitora se identificava e sempre podia confiar.

Portanto durante nossa pesquisa conseguimos traçar um perfil temático de cada pseudônimo, além de analisarmos textos das diferentes colunas de Lispector. Refletimos também sobre a imagem que Clarice Lispector deveria criar para seus pseudônimos, notamos que quando a autora foi *ghost writer* já havia uma imagem criada pela própria Ilka Soares. Neste caso ela deveria adaptar sua coluna com o que as leitoras esperavam dela, pois elas já conheciam muito bem Ilka Soares. Além disso, aplicamos o conceito de momento biográfico com êxito, identificando assim a utilização de Lispector de

suas lembranças. Isto aproxima a produção das páginas femininas das obras ficcionais, visto que as duas produções têm caráter biográfico. Por tudo isso fica claro que a pesquisa acerca destas colunas é produtiva e importante para que possamos ter uma ideia mais exata do trabalho de escritora de Lispector. Podemos nos perguntar que outras características podem ter migrado das páginas femininas para a produção ficcional ou vice-versa.

Referências bibliográficas

- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BUITONI, Dulcília Schoeder. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Summus, 2009.
- GOTLIB, Nádya Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. 6ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 2009.
- GUERRA, Vânia Maria Lescano. *Práticas discursivas: crenças, estratégias e estilo*. São Carlos: Pedro & João editores, 2008.
- LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LISPECTOR, Clarice. *Correio feminino*. Organização de Aparecida Maria Nunes. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2006.
- LISPECTOR, Clarice. *Só para mulheres*. Organização de Aparecida Maria Nunes. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2008.
- NOLASCO, Edgar César. *Restos de Ficção: a criação biográfico-literária de Clarice Lispector*. São Paulo: Annablume, 2004.
- NUNES, Aparecida Maria. *Clarice Lispector Jornalista: páginas femininas & outras páginas*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.
- SARAMAGO, José. *Manual de pintura e caligrafia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica biográfica, ainda*. In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Crítica Biográfica. V. 2 n. 4 Campo Grande – MS: Ed. UFMS, 2010, 51-57 p.

VIEGAS, Ana Cláudia. *Com a palavra, o autor: exercícios de crítica biográfica na contemporaneidade*. In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Crítica Biográfica*. V. 2 n. 4 Campo Grande – MS: Ed. UFMS, 2010, 9-24 p.